O IMPACTO DO RODÍZIO DE AUDITORIA NO GERENCIAMENTO DE RESULTADOS: UM ESTUDO EM EMPRESAS COM AUDITORIA ESPECIALIZADA E NÃO ESPECIALIZADA

Jheneffer Silva Santos Duarte (UFG) - jheny.duarte1@gmail.com

Artur Ribeiro de Assunção (UFG) - artur-assuncao@outlook.com

Lúcio de Souza Machado (UFG) - luciomachado@ufg.br

Resumo:

O objetivo deste trabalho consiste em identificar a influência da troca de auditoria no gerenciamento de resultados em empresas que possuem auditoria especializada e empresas que possuem auditoria não especializada. Para isso, foi levantado uma amostra de 126 empresas listadas no Novo Mercado da [B]3, por conta de seu alto nível de governança e por apresentar um nível diferenciado relacionado a um padrão de transparência e governança exigidos pelos investidores, entre os anos de 2015 e 2019. Utilizou-se o modelo de Jones Modificado de Dechow, Sloan e Sweeney (1995) para o cálculo de gerenciamento de resultados por meio de accruals e o modelo usado por Chen, Lin e Zhou (2005) para o cálculo da especialização. Já o rodízio de auditoria foi coletado do Relatório de Referência, caracterizando-se como uma dummy. Por meio do modelo pooled de regressão de dados em painel, os resultados apontam que o rodízio de auditoria não influência na diminuição de gerenciamento de resultados e que também não há suporte necessário para afirmar que o rodízio de auditoria impacta em menor gerenciamento de resultados em empresas com auditoria especializada. Tais resultados são explicados possivelmente pelo compartilhamento de dados dos clientes entre as firmas de auditoria e pelas características da especialização não serem suficientes para comprovar esta relação. Observa-se que são necessárias mais pesquisas na área, principalmente no que tange a comparação destes dois tipos de auditorias para identificação de melhor robustez nos resultados.

Palavras-chave: *Rodízio de auditoria, Gerenciamento de resultados, Auditoria especializada, Auditoria não especializada, Novo Mercado.*

Área temática: *Auditoria e Perícia*

O IMPACTO DO RODÍZIO DE AUDITORIA NO GERENCIAMENTO DE RESULTADOS: UM ESTUDO EM EMPRESAS COM AUDITORIA ESPECIALIZADA E NÃO ESPECIALIZADA

Resumo
O objetivo deste trabalho consiste em identificar a influência da troca de auditoria no gerenciamento de resultados em empresas que possuem auditoria especializada e empresas que possuem auditoria não especializada. Para isso, foi levantado uma amostra de 126 empresas listadas no Novo Mercado da [B][3], por conta de seu alto nível de governança e por apresentar um nível diferenciado relacionado a um padrão de transparência e governança exigidos pelos investidores, entre os anos de 2015 e 2019. Utilizou-se o modelo de Jones Modificado de Dechow, Sloan e Sweeney (1995) para o cálculo de gerenciamento de resultados por meio de *accruals* e o modelo usado por Chen, Lin e Zhou (2005) para o cálculo da especialização. Já o rodízio de auditoria foi coletado do Relatório de Referência, caracterizando-se como uma *dummy*. Por meio do modelo *pooled* de regressão de dados em painel, os resultados apontam que o rodízio de auditoria não influência na diminuição de gerenciamento de resultados e que também não há suporte necessário para afirmar que o rodízio de auditoria impacta em menor gerenciamento de resultados em empresas com auditoria especializada. Tais resultados são explicados possivelmente pelo compartilhamento de dados dos clientes entre as firmas de auditoria e pelas características da especialização não serem suficientes para comprovar esta relação. Observa-se que são necessárias mais pesquisas na área, principalmente no que tange a comparação destes dois tipos de auditorias para identificação de melhor robustez nos resultados.

Palavras-chave: Rodízio de auditoria, Gerenciamento de resultados, Auditoria especializada, Auditoria não especializada, Novo Mercado.

Área temática do evento: Auditoria e Perícia.

1 INTRODUÇÃO

As organizações de capital aberto devido as oscilações do mercado acionário, exigem uma maior transparência e confiabilidade em seus relatórios financeiros (PEREIRA; VILASCHI, 2006). Com isso, a independência da auditoria é considerada uma característica fundamental para o desenvolvimento dos mercados de capitais (CUNHA; LEITE; MORAS, 2019), auxiliando na redução da assimetria informacional e na minimização dos problemas identificados pela Teoria da Agência (PARREIRA et al., 2021).

A informação contábil pode ser utilizada como instrumento de governança corporativa por diferentes usuários, e está sujeita à manipulação, pois pode influenciar a tomada de decisão por parte dos gestores e *stakeholders*, o que reflete diretamente na destinação dos recursos financeiros e na funcionalidade dos mercados (RODRIGUES; PAULO; CARVALHO, 2007). Com isso, a função da auditoria independente é integrada como complemento da atividade contábil, e com vistas ao seu amplo desenvolvimento, compreende-se parte considerável na redução da assimetria informacional sobre os usuários da informação (GIOLINI, 2017; FIRMINO; DAMASCENA; PAULO, 2010; TOMMASETTI, 2017).

Neste cenário, surge o gerenciamento de resultados, que é dado quando os gestores corporativos fazem suas escolhas contábeis em função de interesses próprios. O gerenciamento de resultados é visto como a discricionariedade por parte dos gestores em suas escolhas contábeis, quando tomam decisões operacionais e selecionam critérios na forma de evidenciar

as demonstrações financeiras buscando obter algum ganho privado, sempre agindo dentro da lei de forma que exerça influência significativa na percepção dos usuários da informação contábil (HEALY; WAHLEN, 1999; CARDOSO, 2004; MARTINEZ, 2013).

Tendo como pressuposto de que as relações de longo prazo entre auditor e cliente podem colocar em risco a objetividade do trabalho de auditoria, justifica-se a rotatividade e a independência das firmas de auditoria na execução do trabalho (OLIVEIRA, 2005; BRONSON; HARRIS; WHISENANT, 2016).

No artigo 31 da Instrução CVM n. 611/2019 o auditor independente não está autorizado à prestação de serviços para um mesmo cliente, por prazo superior a cinco anos consecutivos. Este prazo pode ser ampliado para até dez anos consecutivos caso a companhia auditada possua Comitê de Auditoria Estatutário (CAE) em funcionamento e o auditor seja pessoa jurídica.

Com isso, além de preservar a integridade do trabalho do auditor, o rodízio de auditoria serve também como tentativa de minimizar a assimetria informacional entre os gestores e os acionistas, com o papel verificador da fidedignidade das demonstrações financeiras e aumento na credibilidade junto aos investidores e como consequência a redução no gerenciamento de resultados (MARTINEZ, 2001; SAID; KHASHARMEH, 2014; CUNHA; LEITE; MORAS, 2019).

Outro fator que colabora com a minimização da assimetria informacional e pode gerar maior confiabilidade nos relatórios contábeis é a qualidade da auditoria. Jenkins, Kane e Velury (2006) e Mayhew e Wilkins (2003), em suas pesquisas, recomendaram que para haver uma maior qualidade de auditoria e descobrir possíveis gerenciamentos de resultados, a utilização de um auditor com especialização é essencial. Pois um profissional de auditoria especializado em um determinado setor da indústria é capaz de melhorar a detecção de distorções em comparação com os demais tipos de indústria (OWHOSO; MESSIER JUNIOR; LYNCH JUNIOR, 2002).

Habbash e Alghamdi (2016) apontam que existe evidências de que as firmas especializadas conseguem desempenhar um papel de fundamental importância no fornecimento de qualidade da auditoria. A qualidade de auditoria é um fator que restringe o gerenciamento de resultados, e por meio do conhecimento de um especialista possui uma capacidade maior de coibir o gerenciamento de resultados e reduzir erros involuntários, fato este que gera interesse aos investidores, além de compensar os efeitos negativos da rotação obrigatória na qualidade da auditoria (ANIS, 2014; INAAM; KHMOUSSI; FATMA, 2012).

Diante disso, levanta-se o seguinte problema de pesquisa: Qual a influência da troca de auditoria no gerenciamento de resultados em empresas que possuem auditoria especializada e não especializada? Em detrimento do tema abordado, o objetivo da pesquisa estabelecido é identificar a influência da troca de auditoria no gerenciamento de resultados em empresas que possuem auditoria especializada e empresas que possui auditoria não especializada no Novo Mercado da [B][3]. Neste nível de governança as companhias tendem a se comprometer com um nível mais alto de *disclosure* e com os princípios que norteiam as boas práticas de governança corporativa (PROCIANOY; 2009).

Como justificativa da pesquisa, observa-se que os estudos científicos internacionais, tais como os de Mayhew e Wilkins (2003), Owhoso, Messier Junior e Lynch Junior (2002), Jenkins, Kane e Velury (2006), Dian e Yuvetta (2013) e Widya (2019) ainda encontram distinção de identificar a especialização de auditor como um fator de impacto para detecção de gerenciamento e distorções, ou seja, falta uma padronização dos resultados, onde os estudos se externalizam até o ano de 2016.

Desta forma, o artigo contribui com uma expansão de novos resultados para a literatura do rodízio de auditoria e o gerenciamento de resultados quando ponderados pela especialização

da firma de auditoria, a partir do ano de 2016, trazendo a possibilidade de identificar de que forma se comporta esta relação nas empresas abertas, consideradas mais transparentes e com alta visão para os investidores, a partir deste ano considerado como último analisado em pesquisas anteriores.

Além disso, o estudo traz uma contribuição prática auxiliando os *stakeholders* a identificarem as melhores empresas para investimento com base na sua troca de auditoria, especialização da firma de auditoria em cada empresa e clareza nas informações contábeis. O artigo ainda complementa a discussão sobe o efeito do rodízio de auditoria na qualidade de auditoria ao propor esta relação por meio do gerenciamento de resultados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Gerenciamento de resultados

A teoria da agência propõe uma relação entre principal e agente e por meio desta relação surge o que se chama de assimetria informacional, em que o agente acaba detendo melhores informações do que o principal, ao caracterizar uma seleção adversa, conforme aponta Jensen e Meckling (1976). Holmstrom e Milgrom (1987) afirmam ainda que como resultado da separação da propriedade do controle nas empresas, surge um problema de agência entre os principais (acionistas) e os agentes (gerentes). Desta forma, os gerentes podem exercer o arbítrio sobre os relatórios financeiros que podem assumir a forma de gerenciamento de resultados se executados sobre os princípios das normas contábeis (FAMA, 1980).

O gerenciamento de resultados pode ser definido como o critério de gerenciamento das práticas contábeis sobre relatórios financeiros externos, tomando proveito de algumas deficiências de contratação, racionalidades limitadas das partes interessadas e assimetria de informação no mercado, por meio de algumas decisões econômicas, uma mudança no tratamento contábil, ou outros métodos sofisticados (EL DIRI, 2018).

Schipper (1989) e Freitas (2020) afirma que gerenciamento de resultados significa gerenciamento de divulgação no sentido de uma intervenção intencional no processo de relatório financeiro externo, com a intenção de obter algum ganho privado em vez de apenas facilitar a operação neutra do processo. Para Healy e Wahlen (1999) o gerenciamento de resultados ocorre quando os gerentes julgam os relatórios financeiros e a estruturação de transações para alterá-los, a fim de enganar algumas partes interessadas sobre o desempenho econômico subjacente da empresa ou para influenciar os resultados contratuais que dependem dos números contábeis relatados.

De acordo com o apresentado por Paulo (2007) e Martinez (2013), existem várias formas para determinação do gerenciamento de resultados, tais como os *accruals*, operações reais e suavização, todavia, a que mais se destaca nos trabalhos atuais são os *accruals* (PAULO; MOTA, 2019). Muitos estudos envolvendo gerenciamento de resultados por *accruals*, basicamente, decompõem as acumulações totais em discricionárias e não-discricionárias (PAULO, 2007). Geralmente, os *accruals* refletem as expectativas dos administradores sobre os fluxos de caixa futuro e são baseados sobre um sistema de informações, potencialmente, mais abrangentes do que fluxos de caixa passados e correntes (BEAVER, 1996). O papel dos *accruals* é ajustar o resultado da empresa no período, porque a mensuração exclusivamente pelo caixa não reconhece o efeito econômico total da transação ou evento (DECHOW; DICHEV, 2002).

Dentre os vários modelos encontrados na literatura, Costa e Carvalho (2016) apontam que os mais utilizados para identificação dos *accruals* são o modelo de Jones (1991), modelo

de Jones Modificado por Dechow, Sloan e Sweeney (1995) e o modelo de Kang e Sivaramakrishnan (1995).

Jones (1991) cria um modelo que mitiga o pressuposto de que os *accruals* não discricionários são constantes ao longo do período, buscando controlar os efeitos das mudanças no ambiente econômico da empresa sobre os *accruals* não discricionários através da variação das receitas e do montante do imobilizado e intangível. Apesar de ser um dos modelos mais utilizado, Subramanyam (1996) questiona a capacidade do modelo Jones na separação adequada da parcela gerenciada e não gerenciada dos *accruals*.

A fim de mitigar os problemas do modelo de Jones (1991) observando o pressuposto de que as receitas não são gerenciadas nem sempre é verdadeira, Dechow, Sloan e Sweeney (1995) alteram o modelo de Jones (1991). Os pesquisadores buscaram reduzir o incremento nas contas a receber pelas variações das vendas, ao levar em consideração, destarte, a possibilidade de manipulação das vendas a prazo (PAULO, 2007).

Kang e Sivaramakrishnan (1995) indicam que uma das maiores preocupações quanto aos procedimentos metodológicos nos estudos empíricos sobre a discricionariedade nos *accruals* é que as variáveis mais úteis na predição dos componentes não gerenciados são os próprios números contábeis. Sendo assim, Kang e Sivaramakrishnan (1995) sugerem que sejam incluídas variáveis explicativas que reflitam a realidade econômica corrente e, assim, apresentam um modelo que utiliza contas contábeis que representam custos e despesas e contas do Balanço Patrimonial para contrapor as mudanças dessas na estrutura patrimonial.

Assim como o gerenciamento de resultados, a qualidade de auditoria teve papel fundamental na mitigação do problema de agência. Becker et al. (1998) afirmam que a auditoria reduz a assimetria informacional existente entre gestores e *stakeholders* ao permitir que as partes interessadas possam verificar a validade das demonstrações financeiras divulgadas. Como consequência, para o melhoramento desta qualidade de auditoria medidas regulatórias têm sido criadas, dentre elas o rodízio de auditoria (QUEVEDO; PINTO, 2014).

2.2 Rodízio de auditoria e gerenciamento de resultados

Piot (2001), diz que a Teoria da Agência reconhece a importância da auditoria independente na minimização dos problemas de agência, reduzindo a assimetria informacional e sendo um canal para a redução dos custos de agência. O auditor deve ser formador de opinião, se baseando nas conclusões alcançadas a partir de evidências de auditoria (CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE [CFC], 2016).

O Conselho Federal de Contabilidade ainda estabelece que a partir das evidências encontradas pelo auditor, é possível identificar se os demonstrativos financeiros tomados em união não mostram distorções de relevância, independentemente se o fator causa efeito for considerado fraude ou erro. Posteriormente a auditoria opina sobre fidedignidade das demonstrações financeiras, ou seja, se foram elaboradas em comum acordo com os requisitos exigidos na estrutura de relatório financeiro aplicável (CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE [CFC], 2016).

A auditoria independente é preservada por meio da regra do rodízio de auditoria, possibilitando ainda um aumento na confiabilidade dos investidores nos relatórios financeiros e é proposto como meio para melhorar a qualidade da auditoria (CAREY; SIMNETT, 2006; SAID; KHASHARMEH, 2014). Azevedo e Costa (2012) apontam que a falta de rodízio de auditoria pode impactar na redução da independência do auditor, visto também por Cunha, Leite e Moras (2019). A partir destes pontos, surge a necessidade de realizar o rodízio de auditoria com a intenção de evitar ferir a integridade da auditoria. Lim e Tan (2010) dizem que a

realização do trabalho de auditoria por uma firma ao longo de vários anos pode promover uma relação familiar entre auditor e cliente, fazendo com que o profissional haja de forma complacente e desconsidere algumas distorções na auditoria.

No Brasil, o tratamento sobre o rodízio de auditoria foi introduzido através de uma iniciativa do Banco Central e da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) que aplicou o rodízio de auditoria para as sociedades anônimas abertas no Brasil, instituindo a esta prática como obrigatória no país, com a promulgação da Instrução CVM n. 308/1999.

Nesta época as empresas eram obrigadas a fazer o rodízio de auditoria a cada cinco anos, porém com a alteração dessa instrução normativa para a Instrução CVM n. 611/2019 o auditor independente não pode prestar serviços para um mesmo cliente, por prazo superior a cinco exercícios sociais consecutivos, exigindo-se um intervalo mínimo de três exercícios sociais para a sua recontratação, exceto para as companhias que instalarem e mantiverem o CAE nas condições exigidas pela Instrução e auditor pessoa jurídica, que poderão prestar serviços de auditoria por até 10 anos consecutivos.

Com vistas a manutenção da independência no trabalho de auditoria, acredita-se que a diminuição da independência pode fazer com que o auditor apoie decisões contábeis com maior agressividade, logo, o resultado seriam falhas na detecção de distorções materiais relevantes, afetando a qualidade de auditoria (MYERS; MYERS; OMER, 2003).

De acordo com DeFond e Zhang (2014) a qualidade de auditoria é uma maior garantia de que as demonstrações financeiras refletem fielmente a economia subjacente da empresa, condicionada ao seu sistema de relatórios financeiros e características inatas. Desta forma, a teoria sugere que a demanda do cliente por qualidade de auditoria surge dos incentivos para reduzir os custos de agência enfrentados pela empresa (JENSEN; MECKLING, 1976). Conflitos de agência mais altos aumentam a demanda por maior garantia de terceiros e, portanto, maior qualidade de auditoria (DEFOND; ZHANG, 2014).

Observa-se que tanto no âmbito internacional (CHEN; LIN; LIN, 2008; FRISK; EDSTRÖM, 2020; HARRIS; WHISENANT, 2012; KIM; LEE; LEE, 2015; REICHER; NGO, 2020) quanto nacional (AZEVEDO; COSTA, 2012; CUNHA; LEITE; MORAS, 2019; PARREIRA et al., 2021; SILVA; BEZERRA, 2010; SILVESTRE; COSTA; KRONBAUER, 2018) existem algumas pesquisas sobre rodízio de auditoria e gerenciamento de resultados.

Internacionalmente, Harris e Whisenant (2012) ao selecionarem uma amostra de países que adotaram o rodízio obrigatório de firma de auditoria e identificarem que as empresas em um ambiente de rodízio obrigatório apresentam menor gerenciamento de resultados, concluíram que, em média, os mercados de auditoria apresentam maior qualidade após a adoção do rodízio obrigatório.

Na mesma linha, a pesquisa de Kim, Lee e Lee (2015) evidenciou que empresas com novos auditores em rodízio obrigatório apresentaram menores *accruals* discricionários que aqueles que não tiveram obrigatoriedade de apresentar um rodízio. Em contrapartida, Chen, Lin e Lin (2008), a partir de um estudo feito em empresas de Taiwan identificou que os *accruals* discricionários diminuíram significativamente com o aumento do tempo de relacionamento com a firma de auditoria, ou seja, o rodízio de auditoria, para este campo de estudo, não aumentou a qualidade dos lucros.

Pesquisas mais recentes como a de Reicher e Ngo (2020) ao examinar a eficácia e a necessidade da regra de rodízio de auditoria no Reino Unido, testando a influência das atividades de rotação de auditoria e mandato de auditoria no gerenciamento de resultados de empresas no Índice FTSE 350, identificaram que um mandato maior de auditoria realmente leva a mais gerenciamento de resultados de empresas FTSE 350.

Enquanto estudo como o de Frisk e Edström (2020) ao tentar explicar como a rotação da firma de auditoria e a rotação do parceiro de auditoria se relacionam com a qualidade da auditoria e como essa relação depende da visibilidade da firma em 58 empresas de grande capitalização listadas na Bolsa de Valores de Estocolmo OMX, identificaram que nem a rotação do sócio auditor nem a rotação da firma de auditoria têm influência na qualidade da auditoria, dada por *accruals* discricionários.

Pesquisas no âmbito nacional, tais como a de Azevedo e Costa (2012) analisaram o efeito das mudanças de firma de auditoria no gerenciamento de resultados das companhias abertas brasileiras, em uma amostra de 98 empresas no período de 1998 a 2005 e identificaram que a troca de auditoria não afeta no nível do gerenciamento de resultados.

Silva e Bezerra (2010) verificaram a existência da relação entre o rodízio de empresas de auditoria e o gerenciamento de resultados nas empresas de capital aberto da [B]^3 entre os anos de 2000 e 2008. Os resultados não permitiram dizer que o rodízio de auditoria está relacionado com a diminuição do gerenciamento de resultados. Na mesma linha, em pesquisa mais atual, Cunha, Leite e Moras (2019) ao analisarem as empresas da [B]^3 entre os anos de 2010 e 2016 para identificar o efeito da troca da firma de auditoria no nível de gerenciamento de resultados, identificaram que o rodízio de auditoria não influencia no gerenciamento de resultados.

Por outro lado, um estudo feito em empresas brasileiras listadas na [B]^3, de Silvestre, Costa e Kronbauer (2018) entre os anos de 2008 e 2015, identificou que o rodízio obrigatório de firma de auditoria contribui para o aumento da qualidade dos lucros, enquanto a troca voluntária da firma de auditoria contribui para a redução da qualidade dos lucros divulgados.

Parreira et al. (2021) ao investigarem se a substituição do auditor independente impacta, de alguma maneira, no gerenciamento de resultados em 207 empresas não financeiras listadas na [B]^3 entre 2012 e 2016, por meio do método de *accruals* de Pae (2005) constatou-se que a mudança de auditoria independente não afeta os *accruals* totais, mas reduz os discricionários.

Visto que o rodízio de auditoria é uma das formas de se manter a independência entre auditor e cliente e que esta independência aumenta a qualidade de auditoria, a primeira hipótese levantada é:

H1: A troca de auditoria está negativamente relacionada ao gerenciamento de resultados em empresas do Novo Mercado da [B]^3.

2.3 Rodízio de auditoria e gerenciamento de resultados em empresas com auditoria especializada e não especializada

As firmas especializadas em determinado setor permitem aos auditores a identificação de erros ou problemas específicos, maior facilidade e profundidade em relação as firmas que não são especialistas no setor (BROWN; RAGHUNANDAN, 1995; GRAMLING; JOHNSON; KHURANA, 1999). No estudo de Behn, Choi e Rang (2008) supõe-se que uma informação confiável aumenta a qualidade, e estas podem ser fornecidas por meio de sua especialização que são vistas como qualidade elevada baseadas na percepção de competência. Desta forma, as firmas especialistas de auditoria desenvolvem uma reputação no mercado, aumentando a credibilidade das informações repassadas e consequentemente um aumento na carteira de clientes (HABIB; BHUIYAN, 2011).

De acordo com o exposto por Habbash e Alghamdi (2016), grande parte dos estudos anteriores trazem evidências de que as firmas especializadas conseguem desempenhar um papel de fundamental importância no fornecimento de qualidade da auditoria. Com isso, as firmas de

auditoria com especialização desempenham um papel de maior qualidade em suas prestações de serviços quando comparadas às firmas não especializadas (ABBOTT; PARKER, 2000).

Na análise de Johl, Jubb e Houghton (2007), a especialização da empresa prestadora de serviços de auditoria é necessária para proporcionar segurança e credibilidade, contribuindo com a qualidade da auditoria realizada. E além da especialização da auditoria, percebe-se a existência de outros fatores de relevância na geração e qualidade no trabalho do auditor, como por exemplo, empresas com maior concentração de clientes em certas classificações industriais em geral costumam ter níveis de qualidade mais altos, devido à presença de recursos adicionais para serem aplicados na execução do serviço de auditoria (TAQI et al., 2020).

Em comparação entre firmas de auditoria especializadas e não especializadas, Lim e Tan (2008) expõem que além da qualidade nos serviços prestados, as firmas de auditoria especializadas detêm maior preocupação em manter a sua reputação e em sempre gerar uma exposição positiva frente ao mercado, em relação as firmas não especializadas. Com isso a especialização pode agregar valor aos serviços, pois o resultado da qualidade da auditoria é proveniente de maiores esforços, o que é traduzido em maior rentabilidade para as firmas de auditoria (WOOTEN, 2003).

Becker et al. (1998) e Reynolds e Francis (2000) argumentam que firmas especializadas são capazes de detectar o gerenciamento de resultados devido ao seu conhecimento superior, o que faz agir de forma a reduzir o gerenciamento de resultados oportunista a fim de proteger a sua reputação. Esse conhecimento é adquirido por meio da repetição, ou seja, devido a acumulação de experiência dos auditores em determinado setor, gerando assim um alto nível de especialização (BALSAM; KRISHNAN; YANG, 2003).

A qualidade de auditoria é um fator que restringe o gerenciamento de resultados, e por meio do conhecimento de um especialista possui uma capacidade maior de coibir o gerenciamento de resultados e reduzir erros involuntários, fato este que gera interesse aos investidores, além de compensar os efeitos negativos da rotação obrigatória na qualidade da auditoria (ANIS, 2014; INAAM; KHMOUSSI; FATMA, 2012).

Além da maior confiabilidade para as empresas auditadas, maior retorno sobre os serviços prestados, a auditoria especializada traz outro fator de extrema relevância, que entra em contradição com o rodízio de auditoria. Dao e Pham (2014), explicam que a contratação de firmas de auditoria especializadas pode ser uma maneira eficaz de reduzir o chamado *audit delay*, além do auxílio na redução de rodízios de firmas de auditoria, sendo que estas possuem conhecimento especializado, que as tornam capazes de se manter no trabalho durante todo o período instituído por lei.

Em estudo como o de Gul, Fung e Jaggi (2009) ficou evidenciado que a qualidade dos lucros é menor quando o tempo de relacionamento do auditor com a empresa é mais curto e, que o auditor especialista reduz a associação entre o curto mandato de auditoria e os lucros de baixa qualidade. Além disso, o estudo de Widya (2019) ao tentar determinar o efeito da qualidade de auditoria, dada pelo gerenciamento de resultados, na especialização da firma de auditoria e no rodízio de auditoria, identificou que a especialização do setor de auditoria e o rodízio de auditoria não influenciaram no gerenciamento de resultados.

Em seu estudo, Taqi et al. (2020) argumentaram que o efeito positivo da especialização do setor sobre a qualidade da auditoria indica que, como os auditores costumam auditar clientes no mesmo setor, tornaram-se mais conhecedores desse setor, resultando em melhoria da qualidade da auditoria, sugerindo que um auditor especialista do setor leva à maior qualidade de auditoria, compensando os efeitos negativos da rotação do auditor.

Percebe-se que nacionalmente existem vastos estudos que aponta, ou não a relação do rodízio de auditoria e o gerenciamento de resultados, porém este assunto ainda é pequeno

quando tratado junto a especialização da firma de auditoria. A partir disso e a fim de comparar o rodízio de auditoria de empresas com auditoria especializada e não especializada, a segunda hipótese do artigo se estabelece da seguinte forma:

H2: A troca de auditoria está mais negativamente relacionada ao gerenciamento de resultados em empresas com auditoria especializada.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Composição da amostra

Com o intuito de atingir o objetivo deste artigo e a fim de estender o marco temporal de pesquisas anteriores, este estudo desenvolve-se com empresas brasileiras listadas na [B]^3 e que fazem parte do nível de governança de Novo Mercado entre os anos de 2015 e 2019. O nível Novo Mercado foi escolhido, pelo fato de ser o mais alto nível de governança corporativa da [B]^3, apresentando um nível diferenciado relacionado a um padrão de transparência e governança exigidos pelos investidores. Neste nível de governança as companhias tendem a se comprometer com um nível mais alto de *disclosure* e com os princípios que norteiam as boas práticas de governança corporativa (PROCIANOY; 2009).

O marco temporal de 2015 a 2019 foi escolhido por conta das pesquisas encontradas sobre o tema do artigo seguirem um marco até 2016. Além disso, o ano de 2019 é o último ano com as demonstrações do ano inteiro divulgadas, até a finalização deste artigo, visto que para o cálculo do gerenciamento é necessário que os demonstrativos do ano inteiro estejam disponíveis. E com base nas coletas feitas, até o período final de realização deste artigo foi observado que não havia sido divulgado dados de anos posteriores, tais como 2020 ainda.

Com base no levantamento feito na Economatica® obteve-se 165 empresas do nível de Governança do Novo Mercado. Deste total, excluíram-se as empresas classificadas como financeira pela classificação "Setor Econômico Bovespa", por conta de suas características específicas que pode ser fonte de influência nos resultados do gerenciamento de resultados (HOFF; VICENTE, 2016). Além desta eliminação, também foram retiradas as companhias que não tiveram algum dos dados para a elaboração das variáveis. Diante disso, a amostra final se concentrou em 126 empresas, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Amostragem da pesquisa

Descrição	Total de empresas
Amostra inicial	165
(-) Empresas financeiras	20
(-) Empresas sem dados suficientes	19
Total	126

Fonte: Elaborado pelos autores

3.2 Variáveis da pesquisa

3.2.1 Variável dependente

Adotou-se para este estudo o modelo de Jones Modificado, proposto por Dechow, Sloan e Sweeney (1995) como variável dependente. Este modelo foi criado a fim de mitigar algumas das deficiências anteriores do modelo de Jones (1991), adicionando as variáveis omitidas, controlando o desempenho, levando em consideração a natureza dinâmica dos acréscimos e dos

fluxos de caixa, eliminando observações extremas ou aplicando diferentes estimadores para resolver o modelo (EL DIRI, 2018). Esta variável passará a ser chamada de GR.

O primeiro passo para o cálculo dos *accruals* discricionários, *proxy* do gerenciamento de resultados, é fazer a mensuração dos *accruals* totais no período de estimativa por ano e setor, conforme a primeira equação do Quadro 2. Em seguida, decompõem-se os *accruals* discricionários por meio da regressão representada pela segunda equação do mesmo quadro, em que o GR é definido pelo erro da regressão, também chamado de resíduo.

Quadro 2 – *Proxy* do GR

Modelo/Proxy	Equação
Accrual total	$\mathrm{TA_{it}} = \frac{(\Delta \mathrm{AC_{it}} - \Delta \mathrm{Disp_{it}}) - (\Delta \mathrm{PC_{it}} - \Delta \mathrm{Div_{it}}) - \mathrm{DDA_{it}}}{\mathrm{A_{it-1}}}$
GR	$\mathrm{TA_{it}} = \beta_1 \frac{1}{\mathrm{A_{it-1}}} + \beta_2 \frac{\Delta \mathrm{Receitas_{it}} - \Delta \mathrm{CR_{it}}}{\mathrm{A_{it-1}}} + \beta_3 \frac{\mathrm{PPE_{it}}}{\mathrm{A_{it-1}}} + \varepsilon_{\mathrm{it}}$

Fonte: Elaborado pelos autores

Nota 1: TA_{it} = *accruals* totais da empresa i no ano t; ΔAC_{it} = variação do ativo circulante da empresa i no ano t-1 para o ano t; $\Delta Disp_{it}$ = variação das disponibilidades (caixa e equivalente de caixa) da empresa i no ano t-1 para o ano t; ΔPC_{it} = variação do passivo circulante da empresa i no ano t-1 para o ano t; ΔDiv_{it} = variação da dívida de curto prazo da empresa i no ano t-1 para o ano t; DDA_{it} = depreciação e amortização da empresa i no ano t; A_{t-1} = ativos totais da empresa i no ano anterior ao em questão; $\Delta Receitas_{it}$ = variação da receita da empresa i no ano t-1 para o ano t, ponderada pelos ativos totais defasados; ΔCR_{it} = variação do contas a receber da empresa i no ano t-1 para o ano t, ponderado pelos ativos totais defasados; PPE_{it} = imobilizados e intangíveis brutos da empresa i no anto t, ponderado pelos ativos totais defasados; β_1, β_2 e β_3 = coeficientes estimados pela regressão; ε_{it} = erro da regressão, que representa o GR da empresa i no ano t (*accruals* discricionários).

3.2.2 Variáveis independentes de interesse

Como variáveis independentes foram adotadas o rodízio de auditoria e a especialização de auditoria. O rodízio de auditoria foi obtido por meio dos Relatórios de Referência, em seu item 2, disponíveis no site da CVM, assumindo 1 para o período que houve troca de auditoria e 0 caso contrário, ou seja, a variável independente assume o papel de uma *dummy*. Esta variável passa a ser entendida por ROD. Para obtenção desta *proxy* foi levantado também os dados de 2014, só para identificar se 2015 foi um ano de troca de auditoria.

A especialização de auditoria foi medida por meio do procedimento adotado por Chen, Lin e Zhou (2005), conforme a equação (1), onde o numerador é a soma do ativo total de todas as empresas que pertencem ao setor (k) auditadas pela firma (i) e o denominador é a soma dos ativos totais de todas as empresas (j) que pertencem ao setor (k).

$$MS_{ik} = \frac{\sum_{j=1}^{jik} \sqrt{A_{ijk}}}{\sum_{i=1}^{ik} \sum_{j=1}^{jik} \sqrt{A_{ijk}}} \quad (1)$$

Desta forma a firma de auditoria é considerada especializada quando sua participação no mercado exceder 20% no setor analisado (CHEN; LIN; ZHOU, 2005).

3.2.3 Variáveis independentes de controle

Além das variáveis dependentes e independentes, o estudo apresenta como variáveis de controle o tamanho da empresa auditada (TAM), a alavancagem (ALAV) e o crescimento (CRESC).

Empresas maiores tendem a realizar operações mais previsíveis e estáveis, tornando o gerenciamento de resultados menos frequentes (DECHOW; DICHEV, 2002), conforme utilizado por Silvestre, Costa e Kronbauer (2018). A alavancagem também foi usada, onde Johnson, Khurana e Reynold (2002) argumentam que a situação financeira da empresa auditada pode aumentar o incentivo ao gerenciamento de resultados em empresas com dificuldades. DeFond e Jiambalvo (1994) argumentam que as empresas em dificuldades financeiras podem estar mais motivadas para administrar os lucros.

Para Kim, Lee e Lee (2015) empresas em crescimento estão mais propensas a enfrentar problemas internos e enfrentar um ambiente operacional mais complexo, além disso, o crescimento pode capturar a possível diferença no comportamento dos *accruals* entre empresas com elevado e baixo crescimento (GUL; GUNG; JAGGI, 2009).

Observa-se então, por meio do Quadro 3, um resumo das variáveis de controle utilizadas neste artigo, mostrando de que forma ou onde foram coletadas e os autores base para cada uma delas.

Quadro 3 - Variáveis de controle

Variável	Sigla	Coleta	Autores
Tamanho	TAM	Logaritmo do ativo total	Johnson, Khurama e Reynold (2002); Dechow e Dichev (2002)
Alavancagem	ALAV	$\frac{\text{Passivo circulante}_t + \text{Passivo não circulante}_t}{\text{Ativo total}_t}$	Silvestre, Costa e Kronbauer (2018); DeFond e Jiambalvo (1994)
Crescimento	CRESC	$\frac{\text{Receita operacional líquida}_t}{\text{Receita operacional líquida}_{t-1}}$	Kim, Lee e Lee (2015); Gul, Gung e Jaggi (2009)

Fonte: Elaborado pelos autores

3.3 Modelo para o teste das hipóteses

A equação (2) é o modelo de regressão para investigar a primeira hipótese de que a troca de auditoria influencia negativamente o gerenciamento de resultados.

$$GR_{it} = \beta_0 + \beta_1 ROD + \beta_2 TAM + \beta_3 ALAV + \beta_4 CRESC + \varepsilon \qquad (2)$$

Em seguida, a base de dados é dividida em dois grupos (auditoria especializada e não especializada) e roda-se o modelo de regressão da equação (2) novamente para cada grupo, a fim de investigar a segunda hipótese de que a troca de auditoria está mais negativamente relacionada ao gerenciamento de resultados em empresas com auditoria especializada.

3.4 Tratamento e análise dos dados

A partir do tratamento das variáveis coletadas, por meio do Excel®, através das equações para obtenção de cada *proxy*, iniciou-se o tratamento dos dados utilizando o software Stata® por meio do *Skewness/Kurtosis tests* a fim de testar a distribuição dos dados coletados. Em seguida, partiu-se para a estatística descritiva, a fim de observar o comportamento dos dados por meio da média, mediana, desvio padrão, mínimo e máximo.

Foi necessário ainda utilizar o método de winsorização para substituir os valores extremos pelos percentis escolhidos, neste caso a 5%, pois existem muitos *outilers* nos dados amostrais, o que resultou em diversos problemas para descobrir o melhor modelo de regressão a ser usado, uma vez que sem a utilização da winsorização nenhum modelo se adequava aos dados (FÁVERO; BEFIORE, 2017).

Na segunda etapa do tratamento dos dados, por meio da estatística bivariada, dada pela Correlação de Pearson, foi possível estabelecer se há ou não uma interação associativa entre duas variáveis. A opção escolhida foi a de Person, pelos dados serem variáveis quantitativas, em sua maioria (FÁVERO; BEFIORE, 2017).

Partindo para a parte final da análise de dados, foi então estimado o melhor modelo de regressão a ser usado no estudo. Primeiramente, foi utilizado o teste de chow para verificar qual o melhor modelo entre *pooled* e efeitos fixos. Em seguida utilizou-se o teste LM de Breusch-Pagan, a fim de definir entre *pooled* e efeitos aleatórios. Nos dois modelos utilizados a hipótese aceita foi o modelo de *pooled*, não sendo necessário testar o modelo por efeitos aleatórios e efeitos fixos (FÁVERO; BEFIORE, 2017).

A cada regressão rodada foram ainda utilizados os pressupostos do modelo de regressão tais como o teste de Shapiro-Wilk para identificação da normalidade dos resíduos, o teste de White para identificação da heterocedasticidade do modelo, o teste VIF para identificar se há problemas de multicolinearidade e o teste de Wooldridge para identificar ausência de autocorrelação (FÁVERO; BEFIORE, 2017).

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Estatística descritiva

Os resultados da estatística descritiva são apresentados na Tabela1, que contém média, mediana, desvio padrão, mínimo e máximo dos dados. Além disso tem-se o total de observações apresentado em toda a base de dados.

Tabela 1 - Estatística descritiva

Variável	n	Média	P50	Desvio P.	Mínimo	Máximo
GR	579	-0.0037	-0.0026	0.1237	-0.2507	0.2359
ROD	579	0.2349	0	0.4243	0	1
TAM	579	15.2924	15.1688	1.2660	13.1316	17.5622
ALAV	579	0.6188	0.6059	0.2228	0.2234	1.0965
CRESC	579	1.0776	1.0711	0.2390	0.5989	1.6314

Fonte: Elaborado pelos autores

Observa-se que o número de observações foi de 579. Se tratando do gerenciamento de resultados (GR), em média as empresas da amostra têm um gerenciamento de resultados negativo, assim como a mediana. Observa-se ainda que mesmo seguindo a tendência de um gerenciamento negativo, existem empresas que fazem maior uso de gerenciamento para manipulação de suas informações, visto que o seu máximo se encontra em 0.2359. Além disso, observa-se que as empresas desta amostra possuem um baixo nível de gerenciamento de resultados, pois a média se encontra bem próxima de zero.

Como o rodízio de auditoria é uma *dummy*, então ele atendeu aos requisitos de 1 para o período que houver troca de firma de auditoria e 0 caso contrário, por isso seus valores de mínimo e máximo se concentram em 0 e 1, respectivamente.

O resultado da média da variável tamanho (TAM), apesar de se manter em um nível mais baixo do que o encontrado no estudo de Johnson, Khurana e Reynolds (2002), manteve-se próximo desse resultado. Além disso as empresas da amostra tendem a ser consideradas, em média, empresas grandes que tendem a ser mais diversificadas, causando um efeito de redução no erro de estimativa (DECHOW; DICHEV, 2002).

Referente a alavancagem (ALAV), observa-se que mesmo que o mínimo e o máximo tenham apresentados valores bem diferentes do trabalho de Silvestre, Costa e Kronbauer (2018), a média obteve resultados quase semelhante, permitindo dizer que as empresas deste estudo apresentam níveis próximos de alavancagem do estudo de Silvestre, Costa e Kronbauer (2018).

Por fim, os valores da variável crescimento (CRESC) apresentou-se bem diferentes do levantado por Kim, Lee e Lee (2015), que evidenciou um alto crescimento das empresas, ao passo que neste estudo as empresas não apresentaram crescimento tão altos. Isso evidencia que o crescimento das vendas esteja positivamente associado aos acréscimos discricionários.

4.2 Correlação de Pearson

Mesmo sem o poder de medir a intensidade da associação entre as variáveis, na Correlação de Pearson, não tabulada, é possível observar que há uma interação negativa entre rodízio de auditoria e gerenciamento de resultados. Este resultado ainda não pode auferir nada com clareza, visto que o modelo de correlação nada diz sobre qual variável causa alteração em outra e principalmente não houve significância nesta associação.

Estes resultados, mesmo não tendo apresentado significância estatística vão ao encontro do apresentado por Silva e Bezerra (2010) que evidenciaram uma redução do gerenciamento de resultados no ano em que ocorreu troca de auditoria. Assim como no trabalho de Parreira et al. (2020) que concluíram que a substituição do auditor independente resultou em diminuição no nível de gerenciamento de resultados.

4.3 Regressão para teste das hipóteses

A partir da estimação do melhor modelo a ser usado no estudo, foi realizado dois testes. Primeiramente, foi utilizado o teste de chow para verificar o melhor modelo entre *pooled* e efeitos fixos. Em seguida utilizou-se o teste LM de Breusch-Pagan, a fim de definir entre *pooled* e efeitos aleatórios. Nos dois modelos utilizados a hipótese aceita foi o modelo de *pooled*, pois a estaística Prob>F apresentou-se em 0.5697 e 1.0000, respectivamente, sendo maior então que 0.05, fator decisivo para aceitar o modelo *pooled*.

A análise dos resultados da estatística multivariada foi dividida em duas etapas. A primeira foi realizada para atender o solicitado na hipótese 1, conforme Tabela 3.

Tabela 3 - Modelo pooled clusterizado

Variáveis	n	Coef	t	Prob>F	R^2	VIF
ROD	579	-0.0035 (0.0122)	-0.28	0.0123	0.0135	1.00
TAM	579	0.0019 (0.0030)	0.63	0.0123	0.0135	1.03
ALAV	579	-0.0577*** (0.0181)	-3.19	0.0123	0.0135	1.02
CRESC	579	0.0229 (0.0212)	1.08	0.0123	0.0135	1.02

Fonte: Elaborado pelos autores
Nota 1: O erro padrão encontra-se entre parênteses. *** significa significância a 1%

O modelo de *pooled* se mostrou adequado ao apresentar um Prob>F de 0.01, apesar de conseguir explicar apenas 0.01% da variabilidade, como pode ser visto pela R^2. Observa-se que as previsões dadas pela correlação tendem a seguir na mesma direção para regressão. Neste caso percebe-se que o rodízio de auditoria tende a estar negativamente relacionado com o gerenciamento de resultados, porém o p-value não permite que isto seja confirmado, visto que não se apresentou com significância, ou seja, a variável rodízio não influencia as empresas na manipulação de seus resultados, rejeitando-se a primeira hipóetese.

Esses resultados vão ao encontro dos estudos nacionais de Silva e Bezerra (2010), Azevedo e Costa (2012) e Cunha, Leite e Moras (2019) que também não conseguiram comprovar significância em seus dados. Corroborando ainda com o que foi apresentado internacionalmente por Frisk e Edström (2020), que também identificaram que o rodízio de auditoria não influencia na qualidade da informação, dada por *accruals* discricionários, fazendo com que a primeira hipótese da pesquisa seja rejeitada.

Uma justificativa para estes achados pode ser dada pelo compartilhamento das informações dos clientes por parte da auditoria, pois o compartilhamento das informações dos clientes entre as firmas de auditorias pode fazer com que o rodízio destas firmas não afete a qualidade da auditoria, dado pelos *accruals* discricionários (FRISK; EDSTRÖM, 2020).

Referente as variáveis de controle, a única que teve o poder de mostrar que influencia o gerenciamento de resultados foi a alavancagem ao se mostrar estatisticamente significante, porém seguiu resultados contrários do que foi apontado por Johnson, Khurana e Reynold (2002) ao argumentarem que empresas com maior alavancagem tende a gerenciar mais.

Na segunda etapa de análise por meio da regressão, os dados foram divididos em duas amostras, apresentados na Tabela 4, onde o painel A representa os resultados das empresas auditadas por firmas de auditoria especializada e o painel B aponta os resultados das empresas auditadas por firmas de auditoria não especializada.

Tabela 4 - Modelo pooled auditoria especializada e não especializada

Variáveis	Painel A				Painel B			
	n	Coef	t	Prob>F	n	Coef	t	Prob>F
ROD	342	-0.0035 (0.0164)	-0.21	0.0018	237	-0.0016 (0.0200)	-0.08	0.9315
TAM	342	0.0028 (0.0046)	0.61	0.0018	237	0.0009 (0.0050)	0.18	0.9315
ALAV	342	-0.0937*** (0.0282)	-3.32	0.0018	237	-0.0038 (0.0119)	-0.32	0.9315
CRESC	342	0.0520 (0.0333)	1.56	0.0018	237	0.0238 (0.0812)	0.89	0.9315
Outros dados	R^2 = 0.0299 VIF = 1.08				R^2 = 0.0028 VIF = 1.03			

Fonte: Elaborado pelos autores
Nota 1: O erro padrão encontra-se entre parênteses. *** significa significância estatística a 1%
Nota 2: O valor do VIF é dado por sua média

Fazendo uma comparação, conforme propõe a hipótese 2, observa-se que a tendência dos resultados é que a troca de auditoria em empresas com auditoria especializada está mais negativamente relacionada ao gerenciamento de resultados que em empresas com auditoria não especializada, porém, não pode-se afirmar isso com fiel certeza pois para no painel A os resultados não apresentaram uma significância aceita, mesmo o modelo sendo adequado, como observado por meio do Prob>F e no painel B o modelo não se apresentou adequado.

Com estes resultados então rejeita-se a hipótese 2, ou seja, não se confirma que a troca de auditoria está mais negativamente relacionada ao gerenciamento de resultados em empresas

com auditoria especializada. Tais resultados seguem o mesmo que foi proposto por Widya (2019) ao afirmar que a especialização do setor de auditoria e o rodízio de auditoria não influenciaram no gerenciamento de resultados.

Mesmo apoiando-se na pesquisa de Widya (2019), os resultados deste estudo divergem do que a construção teórica predominante propõe, baseado nas pesquisas de Gul, Gung e Jaggi (2009) e Taqi et al. (2020). Desta forma, os resultados desta pesquisa evidenciam um novo achado para a literatura nacional no que tange a falta de relação entre o rodízio de auditoria e o gerenciamento de resultados em empresas com auditoria especializada.

Tais achados, mais uma vez se justifica pelo fato do compartilhamento dos dados dos clientes entre as firmas de auditoria, fazendo com que não haja impacto do rodízio de auditoria na qualidade da auditoria, dada pelo gerenciamento de resultados (FRISK; EDSTRÖM, 2020). Outra justificativa pode ser dada pelo fato de que empresas de auditoria especializadas, apesar de terem conhecimento específico do setor e conformidade com os padrões de auditoria, tais características não são suficientes para a detecção de erros, mostrando que não colaboram necessariamente para uma melhor qualidade de auditoria (WIDYA, 2019).

5 CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi identificar a influência da troca de auditoria no gerenciamento de resultados em empresas que possuem auditoria especializada e empresas que possuem auditoria não especializada, do Novo Mercado da [B][3] entre os anos de 2015 e 2019, obtendo uma amostra final de 126 empresas.

A fim de atender o proposto pela pesquisa foram estipuladas uma variável dependente que foi o gerenciamento de resultados por *accruals*, por meio do modelo de Jones Modificado por Dechow; Sloan; Sweeney (1995), uma variável independente, caracterizada por uma *dummy*, dada pelo rodízio de auditoria e três variáveis de controle, definidas por tamanho, alavancagem e crescimento. Além disso, para a análise final do artigo, as empresas foram divididas em dois grupos (empresas com auditoria especializada e empresas com auditoria não especializada), seguindo o que foi adotado por Chen, Lin e Zhou (2005).

Por meio da regressão de dados em painel com o modelo *pooled* os resultados alcançados identificaram que a troca de auditoria não está relacionada com a diminuição do gerenciamento de resultados, fazendo com que a primeira hipótese da pesquisa seja rejeitada. Nacionalmente tais resultados vão ao encontro do apresentado por Silva e Bezerra (2010), Azevedo e Costa (2012) e Cunha, Leite e Moras (2019) que também identificaram que o rodízio de auditoria não está relacionado com o gerenciamento de resultados. Internacionalmente estes resultados ainda corroboram com o que foi evidenciado por Frisk e Edström (2020), que também identificaram que o rodízio de auditoria não influencia na qualidade da informação, dada por *accruals* discricionários.

Da mesma forma que a hipótese 1, a hipótese 2 de que a troca de auditoria está mais negativamente relacionada ao gerenciamento de resultados em empresas com auditoria especializada também foi rejeitada, contudo, corrobora o evidenciado por Widya (2019) ao afirmar que a especialização do setor de auditoria e o rodízio de auditoria não influenciaram no gerenciamento de resultados.

Pode-se dizer que os resultados aqui apresentados contrariam os resultados esperados na maioria dos estudos, trazendo um novo achado para a literatura da relação do rodízio de auditoria e do gerenciamento de resultados em empresas com auditoria especializada. Isso pode ser explicado pelo fato do compartilhamento dos dados dos clientes entre as firmas de auditoria fazer com que não haja impacto do rodízio de auditoria no gerenciamento de resultados e que

mesmo que as empresas de auditoria especializada tenham conhecimento específico do setor e conformidade com os padrões de auditoria, tais características não são suficientes para uma melhor qualidade de auditoria (WIDYA, 2019; FRISK; EDSTRÖM, 2020).

Dentro das variáveis utilizadas para ajudar a explicar a relação entre a variável dependente e independente, apenas a variável alavancagem conseguiu trazer uma explicação de que empresas com uma melhor situação financeira tende a apresentar menores *accruals*, o que refuta o apresentado por Johnson, Khurana e Reynold (2002) que argumentaram o contrário, ou seja, a situação financeira da empresa auditada pode aumentar o incentivo ao gerenciamento de resultados em empresas com dificuldades.

Desta forma, por meio da limitação de pouco número de empresas estudadas e consequentemente o pouco número de observações apresentado, sugere-se que mais pesquisas sejam feitas nesta área de comparação, com um maior grupo de empresas, a fim de trazer um maior número de observações, com a probabilidade de uma melhor adequação dos modelos estatísticos, de forma que a tendência apresentada neste artigo seja comprovada ou refutada.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, L. J.; PARKER, S. Auditor selection and audit committee characteristics. **Auditing: A Journal of Practice & Theory**, v. 19, n. 2, p. 47- 66, 2000.

ANIS, A. Auditors' perceptions of audit firm rotation impact on audit quality in egypt. **Accounting & Taxation**, v. 6, n. 1 p. 105-120, 2014.

AZEVEDO, F. B.; COSTA, F. M. Efeito da troca da firma de auditoria no gerenciamento de resultados das companhias abertas brasileiras. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 13, n. 5, 2012.

BALSAM, S.; KRISHNAN, J.; YANG, J. S. Auditor industry specialization and earnings quality. **Auditing: A Journal of Practice & Theory**, v. 22, n. 2, p. 71-97, 2003.

BEAVER, W. H. Directions in accounting research: near and far. **Accounting Horizons. Sarasota**, v. 10, n. 2, p. 113-124, 1996.

BECKER, C. L.; DEFOND, M. L.; JIAMBALVO, J.; K. R. SUBRAMANYAM. The effect of audit quality on earnings management. **Contemporary Accounting Research**, v. 15, n. 1, p. 1-24, 1998.

BEHN, B. K.; CHOI, J. H.; RANG, T. Audit quality and properties of analyst earnings forecasts. **Accounting Review**, v. 83, n. 2, p. 327–349, 2008.

BRONSON, S.; HARRIS, K.; WHISENANT, S. Mandatory audit firm rotation: an international investigation. Working paper, University of Kansas, 2016.

BROWN, C. D.; RAGHUNANDAN, K. Audit quality in audits of federal programs by non-federal auditors. **Accounting Horizons**, v. 9 n. 3, 1995.

CARDOSO, R. L. Governança corporativa ou gerenciamento de resultados? **Revista Brasileira de Contabilidade**, v. 150, p. 18-37, 2004.

CAREY, P.; SIMNETT, R. Audit partner tenure and audit quality. **The Accounting Review**, v. 81, n. 3, p. 653-676, 2006.

CHEN, C. Y.; LIN, C. J.; LIN, Y. C. Audit partner tenure, audit firm tenure, and discretionary accruals: does long auditor tenure impair earnings quality? **Contemporary Accounting Research**, v. 25, n. 2, p. 415-445, 2008.

CHEN, K. Y.; LIN, K. L.; ZHOU, J. Audit quality and earnings management for Taiwan IPO firms. **Managerial Auditing Journal**, v. 20, n. 1, p. 86-104, 2005.

CFC, Conselho Federal de Contabilidade. NBC TA 700. *Formação de opinião e emissão do relatório do auditor independente sobre as demonstrações contábeis*. Disponível em: <https://www2.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?Codigo=2016/NBCTA700>. Acesso em: 27 dez 2020.

COSTA, D. F.; CARVALHO, F. de M. Relação entre gerenciamento de resultado e governança corporativa: construindo um referencial teórico a partir de uma revisão sistemática da literatura. **Revista ForScience**, n. 4, n. 1, p. 20-41, 2016.

CVM, Comissão de Valores Mobiliários. *Instrução CVM 611*. Disponível em: <http://conteudo.cvm.gov.br/legislacao/instrucoes/inst611.html>. Acesso em 05 mar 2021.

CVM, Comissão de Valores Mobiliários. *Instrução CVM 308*. Disponível em: <http://conteudo.cvm.gov.br/legislacao/instrucoes/inst308.html>. Acesso em: 05 mar 2021.

CUNHA, P. R.; LEITE, M.; MORAS, V. R. Efeito da troca da firma de auditoria no gerenciamento de resultados das companhias abertas brasileiras. **Contabilidad y Negocios**, v. 14, n. 28, p. 70-87, 2019.

DAO, M.; PHAM, T. Audit tenure, auditor specialization and audit report lag. **Managerial Auditing Journal**, v. 29, n. 6, p. 490-512, 2014.

DECHOW, P. M.; DICHEV, I. D. The quality of accruals and earnings: the role of accrual estimation errors. **The Accounting Review**, v. 77, p. 35-59, 2002.

DECHOW, P. M.; SLOAN, R. G.; SWEENEY, A. P. Detecting earnings management. **The Accounting Review**, v. 70, p. 193–193, 1995.

DEFOND, M.; ZHANG, J. A review of archival auditing research. **The Journal of Accounting and Economics**, v. 58, n. 2-3, p. 275–326, 2014.

DEFOND, M.; JIAMBALVO, J. Debt covenant effects and the manipulation of accruals. **Journal of Accounting and Economics**, v. 17, n. 1-2, p. 145-76, 1994.

DIAN, F. D. F.; YUYETTA, E. N. A. Pengaruh arus kas bebas, ukuran KAP, spesialisasi industri KAP, audit tenur and independensi auditor terhadap manajemen laba. **Journal of Accounting**, v. 2, n. 4, p. 166-174, 2013.

EL DIRI, M. **Introduction to Earning Management**. 1. ed. Leeds, UK: Springer, 2018.

FAMA, E. F. (1980). Agency problems and the theory of the firm. journal of political economy, v. 88, p. 288–307.

FÁVERO, L. P.; BELFIORI, P. **Manual de Análise de Dados: estatística e modelagem multivariada com Excel, SPSS e Stata**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

FIRMINO, J. E.; DAMASCENA, L. G.; PAULO, E. Qualidade da auditoria no brasil: um estudo sobre a atuação das auditorias independentes denominadas big four. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 5, n. 3, 2010.

FREITAS, R. M. de. **Gerenciamento de resultados por meio dos accruals discricionários nas instituições financeiras brasileiras listadas na bolsa de valores**. 2020. 96 f. Dissertação (Controladoria e Finanças Empresariais) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

FRISK, D.; EDSTRÖM, K. J. **Audit rotation, does it matter? A study on audit rotations relationship to audit quality and its contingencies**. 2020. 102 f. Thesis (Master Thesis within Business Administration) – Jönköping University International Cusiness Schooll, Jönköping, Småland, 2020.

GIOLINI, A. **Contribuição para avaliação dos tipos de relatórios: um estudo voltado às empresas listadas na BM&FBovespa entre 2011 e 2015**. 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Atuarias) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

GUL, F. A.; FUNG, S. Y. K.; JAGGI, B. Earnings quality: Some evidence on the role of auditor tenure and auditors' industry expertise. **Journal of Accounting and Economics**, v. 47, n. 3, p. 265-287, 2009.

GRAMLING, A. A.; JOHNSON, V. E.; KHURANA, I. K. The association between audit firm industry experience and financial reporting quality. document de travail, Wake Forest University, University of Illinois, et University of Missouri, 1999.

HABBASH, M.; ALGHAMDI, S. Audit quality and earnings management in less developed economies: the case of Saudi Arabia. **Journal of Management & Governance**, v. 21, n. 2, p. 351-373, 2016.

HABIB, A.; BHUIYAN, M. Audit firm industry specialization and the audit report lag. **Journal of International Accounting, Auditing and Taxation**, v. 20, n. 1, p. 32-44, 2011.

HARRIS, K.; WHISENANT, S. **Mandatory audit rotation: an international investigation**. 2012. 87 f. Dissertation (Master) - University of Houston, 2012.

HEALY, P. M.; WAHLEN, J. M. A review of the earnings management literature and its implications for standard setting. **Accounting Horizons**, v. 13, p. 365–383, 1999.

HOFF, J.; VICENTE, E. F. R. O gerenciamento de resultados e a remuneração variável dos executivos das companhias brasileiras listadas na BM&FBOVESPA. **Revista de Contabilidade da UFBA**, v. 10, n. 2, p. 64-81, 2016.

HOLMSTROM, B.; MILGROM, P. Aggregation and linearity in the provision of intertemporal incentives. **Econometrica**, v. 55, p. 303–328, 1987.

INAAM, Z.; KHMOUSSI, H.; FATMA, Z. Audit quality and earnings management in the tunisian context. **International Journal of Accounting and Financial Reporting**, v. 2, n. 2, p. 17, 2012.

JENKINS, D. S.; KANE, G. D.; VELURY, U. Earnings quality decline and the effect of industry specialist auditors: an analysis of the late 1990s. **Journal of Accounting and Public Policy**, v. 25, n. 1, p. 71-90, 2006.

JENSEN, M. C.; MECKLING, W. H. Theory of the firm: managerial behavior, agency costs and ownership structure. **Journal of Financial Economics**, v. 3, n. 4, p. 305-360, 1976.

JOHL, S.; JUBB, C. A.; HOUGHTON, K. A. Earnings management and the audit opinion: evidence from Malaysia. **Managerial Auditing Journal**, v. 22, n. 7, p. 688-715, 2007.

JOHNSON, V. E.; KHURANA, I. K.; REYNOLDS, J. K. Audit-Firm Tenure and the Quality of Financial Reports. **Contemporary Accounting Research**, v. 19, n. 4, p. 637-660, 2002.

JONES, J. J. Earnings management during import relief investigations. **Journal of Accounting Research**, v. 29, n. 2, p. 193-228, 1991.

KANG, S.; SIVARAMAKRISHNAN, K. Issues in testing earnings management and an instrumental variable approach. **Journal of Accounting Research**, v. 33, n. 2, p. 353-367, 1995.

KIM, H.; LEE, H.; LEE, J. E. Mandatory audit firm rotation and audit quality. **Journal of Applied Business Research**, v. 31, n. 3, p. 1089-1106, 2015.

LIM, C. Y.; TAN, H. T. Non-audit service fees and audit quality: the impact of auditor specialization. **Journal of accounting research**, v. 46, n. 1, p. 199-246, 2008.

LIM, C. Y.; TAN, H. T. Does auditor tenure improve audit quality? Moderating effects of industry specialization and fee dependence. **Comtemporary Accounting Research**, v. 27, n. 3, p. 923-957, 2010.

MARTINEZ, A. L. **Gerenciamento dos resultados contábeis: estudo empírico das companhias abertas brasileiras**. 2001. 167 f. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade: Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARTINEZ, A. L. Gerenciamento de resultados no Brasil: um survey da literatura. **BBB: Brazilian Business Review**, v. 10, n. 4, p. 1-31, 2013.

MAYHEW, B. W.; WILKINS, M. Audit Firm Industry Specialization as a Differentiation Strategy: Evidence from Fees Charged to Firms Going Public. **Auditing: A Journal of Practice & Theory**, v. 22, p. 33-52, 2003.

MYERS, J. N.; MYERS, L. A.; OMER, T. C. Exploring the term of the auditor-client relationship and the quality of earnings: a case for mandatory auditor rotation? **The Accounting Review**, v. 78, n. 3, p. 779-799, 2003.

OLIVEIRA, A. Q. **O rodízio de firmas de auditoria e seus impactos nas demonstrações contábeis**. 2005. 218 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Cont. Atuariais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

OWHOSO, V. E.; MESSIER JUNIOR, W. F.; LYNCH JUNIOR, J. G. Error detection by industry-specialized teams during sequential audit review. **Journal of Accounting Research**, v. 40, n. 3, p. 883-900, 2002.

PARREIRA, M. T. S.; NASCIMENTO, E. M.; PUPPIN, L.; MURCIA, F. D. R. Rodízio de auditoria independente e gerenciamento de resultados: uma investigação entre empresas de capital aberto no Brasil. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 40, n. 1, p. 67-86, 2021.

PAULO, E. **Manipulação das Informações Contábeis: uma análise teórica e empírica sobre os modelos operacionais de detecção de gerenciamento de resultados**. 2007. 269 f. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade: Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PAULO, E.; MOTA, R. H. G. Ciclos econômicos e estratégias de gerenciamento de resultados contábeis: um estudo nas companhias abertas brasileiras. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 30, n. 80, p. 216-233, 2019.

PEREIRA, A. N.; VILASCHI, A. Governança corporativa e Contabilidade: explorando noções e conexões. **Anais do Simpósio FUCAPE de Produção Científica**, Vitória, ES, Brasil, 2006.

PIOT, C. Agency costs and audit quality: evidence from France. **European Accounting Review**, v. 10, n. 3, p. 461-499, 2001.

PROCIANOY, J.L.; VERDI, R S. Adesão aos novos mercados da Bovespa: Novo Mercado, Nível 1 e Nível 2 – determinantes e consequências. **Revista Brasileira de Finanças**, v. 7, n. 1, p. 107-136, 2009.

QUEVEDO, M. C.; PINTO, L. J. S. Percepção do rodízio de auditoria sob o olhar dos auditores independentes. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v. 13, n. (38), p. 9-22, 2014.

REICHER, R.; NGO, T. N. B. The propensity for mandatory audit rotation and its impact on earnings management: na evidence from the United Kingdom. **International Journal of Engineering and Management Sciences**, v. 5, n. 1, 2020.

REYNOLDS, J. K.; FRANCIS, J. R. Does size matter? The influence of large clients on office-level auditor reporting decisions. **Journal of accounting and economics**, v. 30, n. 3, p. 375-400, 2000.

RODRIGUES, A.; PAULO, E.; CARVALHO, L. N. Gerenciamento de resultados por meio das transações entre companhias brasileiras interligadas. **RAUSP: Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 42, n. 2, p. 216-226, 2007.

SAID, K.; KHASHARMEH, H. Auditor's perceptions on impact of mandatory audit firm rotation on auditor independence Evidence from Bahrain. **Journal of Accounting and Taxation**, v. 6, n. 1, p. 1-18, 2014.

SCHIPPER, K. Commentary on earnings management. **Accounting Horizons**, v. 3, p. 91–102, 1989.

SILVA, J. O. da.; BEZERRA, F. A. Análise do gerenciamento de resultados e o rodízio de firmas de auditoria nas empresas de capital aberto. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 12, n. 36, p. 304, 2010.

SILVESTRE, A. O.; COSTA, C. M.; KRONBAUER, C. A. Rodízio de auditoria e a qualidade dos lucros: uma análise a partir dos *accruals* discricionários. **Brazilian Business Review**, v. 15, n. 5, p. 410-426, 2018.

SUBRAMANYAM, K. R. The pricing of discretionary accruals. **Journal of Accounting and Economic**s, v. 22, n. 1-3, p. 249-281, 1996.

TAQI, M. M.; RAHMAWATI, R.; BANDI, B.; MURNI, S.; WARSINA, W. Audit Quality Attibutes and Client Factors. **Accounting and Financial Review**, v. 3, n. 1, p. 1-13, 2020.

TOMMASETTI, R. **Gerenciamento de resultados, tamanho da firma de auditoria e relatórios modificados: evidências em empresas listadas no mercado acionário brasileiro**. 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Atuarias) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

WOOTEN, T. C. Research About Audit Quality, **The CPA Journal**, v. 73, n. 1, p. 48-51, 2003.

WIDYA, P. O. Influence of specialization, size and tenure of audit firm on earning management of manufacturing companies listed on Bei during 2014-2016. **Russian Journal of Agricultural and Socio-Economic Sciences**, v. 87, n. 3, p. 140-151, 2019.